

A formação científica do comum

DOI: 10.1590/1809-58442015219

Rodrigo Gabrioti
(Universidade Metodista de
São Paulo, Faculdade de Comunicação,
Programa de Pós-Graduação em
Comunicação Social. São Bernardo
do Campo – SP, Brasil)



SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum** – Notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ, Vozes: 2014. 323p.

Mídia, Cultura, Tecnologia e Significação à luz da Filosofia, Sociologia e Antropologia como aportes a uma Ciência do Comum pelo viés da Comunicação. Esta é a proposta principal da obra *A Ciência do Comum – Notas para o método comunicacional*, dividida em três capítulos. No primeiro, Muniz Sodré trata da metamorfose antropológica por meio da combinação máquina-homem, considerada por alguns estudiosos como pós-humanismo. Procura fazer a distinção entre Comunicação e Informação. À primeira, Sodré atribui o comum humano e à segunda a estrutura ou forma à matéria. Ambos os princípios remontam a origem teórica da Comunicação com Shannon e sua Teoria Matemática cuja verificação era a quantidade de mensagem possível de transmissão entre um emissor e um receptor através

de um canal. Porém, Comunicação é mais do que a proposição de Shannon que, na verdade, lidava com Informação. Nada parecido ao pressuposto comunicativo da troca. Mesmo assim, o paradigma matemático ainda se realça – na visão de Muniz Sodré – na maioria das pesquisas e obras reflexivas sobre o campo atrelado a camisa de força da *Mass Communication Research*.

Talvez não se saia desse enquadramento teórico, principalmente, pelas linhas de pesquisa das Universidades e do receio em se propor novos modelos e teorias frente aos paradigmas estabelecidos. Em face de fenômenos contemporâneos e pós-humanos, é preocupante que nossa área estabeleça um Neo-Funcionalismo, ou seja, os objetos de pesquisa evoluem, porém, as metodologias e os referenciais teóricos seguem os preceitos dogmáticos. Ainda no primeiro capítulo, há um panorama da atividade de pesquisa e os seguintes procedimentos: ontologia/epistemologia; metodologia e axiologia. Embora pareça uma fórmula, a tônica comunicacional se liga à perspectiva hegemônica funcionalista de modo que os fenômenos ainda respondem às mudanças operadas pela mídia sobre os laços de coesão tradicionais. Muniz Sodré também transita pela Teoria Crítica da Escola de Frankfurt e pela Linguística a partir da Semiologia.

O autor é enfático quando aponta que as Ciências da Comunicação têm as premissas de uma Ciência Social: produz valor social, cultural e político. Porém, sua não consolidação em ciência criou o rótulo de inter, multi e transdisciplinar, o que não passa de sintoma teórico de crise de paradigma do conhecimento. Sobre interdisciplinaridade, nos parece necessária uma inversão de valor, pois, não se trata de resumir a cientificidade de nosso campo a outras áreas que tenham interesse em aplicar a Comunicação em suas realidades, mas sim, a Comunicação assumir seu protagonismo essencial às relações humanas em qualquer área do saber.

No segundo capítulo, Muniz Sodré parte da Filosofia da Redescritção para manter a discussão sobre o estatuto epistemológico da Comunicação que atingiu o estágio do SIG (Simultaneidade, Instantaneidade e Globalidade) cujo controle da observação empírica formula o conhecimento científico. É

pelo horizonte da recondução do saber às “verdades do homem” que Sodré entende a forma o da ciência da Comunica o pela qual o indivíduo p s-contemporâneo convive com a tecnologia avassaladora a ponto de ter sua vida transformada. Isto seria resultado da compreensão de que tecnologia  , ao mesmo tempo, ferramenta e discurso, o que faz emergir a necessidade da Comunica o, como troca e rela o, passando por uma releitura indissociável das novas tecnologias sem que nos transformemos em servidores voluntários. Por meio da redescri o, de Richard Rorty, tornou-se possível cruzar os diferentes eixos do saber tecnocientífico com os valores humanos a fim de localizar marcos distintivos para a elabora o de novas formas do comum.

  justamente a partir desse comum que Sodré questiona no terceiro capítulo: por que buscar um pensamento comunicacional se as máquinas hoje também se racionalizaram? Evidentemente, isto não faz sentido aleatoriamente, pois,   impossível abandonar a ideia de socializa o mesmo com as no es de espaço e de tempo encurtadas, planas e instáveis. Entretanto a complexidade da Comunica o se mant m no mundo da vida comum a emissores e receptores. Sintoma que Muniz Sodré detecta por meio da revisão do conceito de comunidade a partir da perspectiva clássica da reciprocidade “Eu-Tu”, em especial, quando se valoriza o outro. Assim acreditamos que o comum terá essa viabilidade científica, pois, em primeiro lugar, devem estar as experiências humanas para construir os laços.

O livro define o comum a partir da esfera pública e seu espaço de Comunica o de acordo com os contextos vivenciados, pois, pelo itinerário comunicativo da vida social, passamos da intera o (contato humano interpessoal)   interatividade (o “contato” humano mediado pela tecnologia). Nessa passagem, a linguagem ainda   compreendida como media o universal entre a dimensão simbólica e a comunidade por meio das significa es.

Mas que métodos comunicativos são possíveis para uma ciência do comum? Metodologicamente tentando fundar a ciência da Comunica o, Muniz Sodré, inicialmente, foge do paradigma funcionalista pelo projeto da interdisciplinaridade. Depois pensa o

método da formação científica do comum pelas relações humanas e suas trocas simbólicas. Isto aplicado às pesquisas, envolve colocar em primeiro plano o indivíduo e sua organização comunicativa no espaço concreto das experiências culturais vividas. Mesmo com as tecnologias alucinantes e ágeis do pós-humano, a Comunicação jamais pode abrir mão da relação entre dois elementos, senão ela inexistente, logo não seria troca. Por isso, o autor sugere a busca pelo comum em três níveis operativos que dinamizam o discurso e a produção de sentidos: (1) Relacional: refere-se à produção e à reprodução da ideologia no sistema social por meio de trocas sociais em determinadas épocas; (2) Vinculação: o sujeito fragmentado e exposto pelo comum; (3) Crítico-cognitivo ou metacrítico: privilegia as conexões entre teorias e fenômenos na tradução de um conhecimento específico para outra especificidade. Mesmo com a evolução das técnicas e alterações antropológicas, já experimentadas por muitos indivíduos em forma de escravagismo tecnológico, a Comunicação segue por princípio elementar a construção do Bem Comum que se materializa pela troca entre indivíduos.

Rodrigo Gabrioti

Doutorando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Comunicação e Cultura, professor de Jornalismo na Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação (ESAMC) de Sorocaba, SP. Editor-chefe do telejornal Tem Notícias/1ª edição, na TV TEM Sorocaba. E-mail: rgabrioti@hotmail.com